

SALES BARBOSA
FILINTO BASTOS
HONORATO BOMFIM
GASTÃO GUIMARÃES
GEORGINA ERISMANN
ALOISIO RESENDE
EURICO BOAVENTURA
GODOFREDO FILHO
ANTONIO LOPES
ALCINA DANTAS



GRANDES POETAS DA FEIRA



ORG: MARCONDES ARAUJO

Revisão:

Alana Freitas

Editoração Eletrônica

Alyrio Ribeiro

Feira de Santana - 2026

Este projeto foi contemplado nos Editais da Política Nacional Aldir Blanc Bahia e tem apoio financeiro da Prefeitura de Feira de Santana por meio da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer via PNAB, direcionada pelo Ministério da Cultura – Governo Federal.

Este livro pretende ser uma contribuição à preservação da memória histórica e cultural de Feira de Santana, com a divulgação das obras de alguns dos seus mais importantes poetas do final do século 19 até meados do século 20.

Foram escolhidos 10 autores, entre os mais representativos poetas feirenses, que construíram suas obras sobre os pilares de importantes escolas literárias: o Romantismo, o Parnasianismo, o Simbolismo e o Modernismo.

E abrimos a coletânea com três versões de uma obra escrita no formato de Literatura de Cordel: o ABC de Lucas da Feira, provavelmente a primeira obra literária – escrita ou oral – da história de Feira de Santana.

O público a que se destina são principalmente os estudantes dos ensinos fundamental e médio das escolas públicas de nossa cidade. O objetivo é despertar o interesse desses jovens pela literatura, e iniciá-los na contemplação da beleza poética e na reflexão sobre o mundo e sobre a vida, proporcionadas por grandes autores nascidos ou radicados na Princesa do Sertão.

PREFÁCIO

Feira de Santana: Parnaso do Sertão

*“A bença, inhá Fulana!
Deus te leve para Feira de Santana”.*
(Eurico Alves Boaventura)

Na mitologia grega existia um lugar encantado chamado de Monte Parnaso, considerado a morada de Apolo e das 9 Musas, as deusas que abençoavam poetas, músicos e artistas. Era para lá que os autores iam quando buscavam ser tocados pela inspiração para suas obras, mas ouvi dizer que existe um outro lugar semelhante na Bahia.

Feira de Santana é um berço de poetas, e não é mito não! Os primeiros registros de poemas escritos se encontram no século XIX, mas certamente antes disso os textos orais já circulavam de boca em boca pelas estradas de gado que originaram nossa cidade. Junto aos aboios e toadas, a poesia ecoa nessa terra desde há muito tempo.

No boca a boca, nos cadernos guardados, nos cordéis das feiras, nas folhas que voam no vento, nas colunas de jornais e depois nos livros, nossa terra tem se revelado um terreno fértil para a literatura. E que tal reunir alguns dos melhores desses textos em um volume, para que nada desse movimento se perca na poeira do caminho e do tempo?

É justamente esse o objetivo desse projeto, antologia de poetas feirenses, que o jovem leitor tem agora em mãos. Organizado pelo jornalista Marcondes Araujo, que se dedicou a pesquisar em diversas

fontes os nossos principais autores, com obras produzidas entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, e compor esse livro especial, uma espécie de arca da memória literária da nossa Princesa do Sertão ou um bocapiu muito bem trançado de palavras.

Através de uma dezena de poetas, homens e mulheres, os leitores descobrirão tesouros guardados nessas páginas, além de curiosidades e transformações sobre nossa cidade e nossa linguagem ao longo do tempo. De Lucas da Feira (ele mesmo!), Sales Barbosa e Filinto Bastos no século XIX, passando por Aloisio Resende, Georgina Erismann, Alcina Dantas, Godofredo Filho e Eurico Alves, entre outros que por aqui versejaram, vamos acompanhando um pouco da nossa História cultural.

Vale a pena dizer, que a poesia continua vivíssima em Feira de Santana, ela não ficou lá no passado. Há muita gente boa por aqui buscando as bênçãos da nossa Parnaso do Sertão para compor suas linhas. E quem sabe se você não será o próximo ou a próxima a ter seu nome nessa lista? Todos os grandes autores são antes de tudo, grandes leitores! É só começar! A Literatura tem sempre algo a dizer a cada um de nós.

Alana Freitas El Fahl

Professora de Literatura da Universidade Estadual de
Feira de Santana, cronista e feirense de umbigo enterrado.

SUMÁRIO

(Clicar no título para ler o texto)

LUCAS DA FEIRA

SALES BARBOSA

FILINTO BASTOS

HONORATO BOMFIM

GASTÃO GUIMARÃES

GEORGINA ERISMANN

ALOISIO RESENDE

EURICO ALVES BOAVENTURA

GODOFREDO FILHO

ANTONIO LOPES

ALCINA DANTAS



LUCAS DA FEIRA

O famoso Lucas da Feira (1807-1849), negro escravizado que fugiu da senzala em busca da liberdade e por isso foi obrigado a abraçar a vida de crimes, tornou-se uma lenda em Feira de Santana. Foi preso e morreu enforcado, em 25 de setembro de 1849. Para uns, ele foi herói. Para outros, foi bandido. Mas o fato é que acabou se tornando personagem do que é, possivelmente, a primeira obra literária de Feira de Santana: o ABC de Lucas da Feira.

Segundo o cordelista e pesquisador feirense Franklin Maxado, o ABC, escrito no ano do enforcamento de Lucas, teria como autor um oficial de Justiça feirense chamado Souza Velho, contemporâneo de Lucas. Mas, tanto quanto o próprio Lucas, o ABC também é controverso. Pois existem três versões dele.

Uma, mais conhecida, foi publicada em folheto de cordel por Rodolfo Coelho Cavalcante (alagoano radicado na Bahia – 1919-1987), com adaptações dele próprio, que acrescentou mais dois versos a cada estrofe, transformando-a de quadra (quatro versos em cada estrofe) em sextilha (seis versos em cada estrofe). E atribuiu o original ao próprio Lucas da Feira, o que é muito improvável.

Outra versão foi publicada pelo cordelista baiano (de Jaguarari) Antonio Teodoro dos Santos (1916-1981), que manteve o formato de quadra. Esta versão também seria atribuída a Souza Velho.

Mas uma terceira versão, pouco conhecida, pode ser mais antiga que essas duas versões. Pois, enquanto as duas primeiras já tratam o enforcamento de Lucas como decisão da Justiça, esta terceira parece ser anterior ao veredito. Mas é apócrifa, não se sabe quem é o autor. Ela consta na edição de 27 de junho de 1849 (três meses antes do enforcamento de Lucas) do jornal *A Marmota*, que circulou na Bahia em 1849. Curiosamente, não inclui as letras I e U.

Quem a encontrou foi a historiadora feirense Eliane de Jesus Costa, em pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Existem coincidências de versos entre as três versões. Esta, porém, apócrifa, mas possivelmente escrita por algum feirense, pode ser a obra fundadora da literatura de Feira de Santana, já que não se conhece nenhuma obra literária anterior a ela. A seguir, as três versões, sendo que a mais antiga está escrita no português da época.

ABC DE LUCAS DA FEIRA

Antonio Teodoro dos Santos

A

Adeus, Saco do Limão
Lugar aonde eu nasci
Vou preso para a Bahia
Levo saudades de ti.

B

Bem dizia meu sócio
Que eu mudasse de condição
Que Cazumbá por dinheiro
Faria a pintura do Cão.

C

Calumbi e Sobradinho
Tapera e São João
Aonde eu tinha meu rancho
Lá me fizeram traição.

D

Desenganado fiquei
Ao me ver prisioneiro
Só com a minha prisão
Ganharam tanto dinheiro!

E

Entusiasmo carreguei
Muita pompa e grandeza

Pois em meu rancho eu tinha
Bote de rapé “princesa”.

F

Fui preso para a Bahia
Fizeram grande função
Mas eu desci a cavalo
E os guardas de pés no chão!

G

Governador, presidente
Vieram com alegria
Apertar a minha mão
Quando cheguei na Bahia.

H

Homens pobres não roubei
Pois não tem o que se roubar
Mas os ricos de carteira
Nenhum deixei escapar.

I

Instante triste entreguei-me
Porque chegou o meu dia
Eis aí as minhas armas
Não tenho mais valentia.

J

Já estou entregue, gente
Mas me mostre o delegado
Eis a minha carabina

E o meu “cabo terçado”.

L

Lá em Oliveira tinha
Manoel Nunes Confiado
Um dia preguei-lhe o beijo
Em um pau, bem apregado.

M

Mulata de bom cabelo
Cabrinhas de boa cor
Crioulas só por debiques
Brancas não me escapou.

N

Não digo quais os meus sócios
Não me convém a dizer
Que por eu me ver perdido
Não boto os mais a perder.

O

O é letra redonda
E aquela redondeza
Me chamava capitão
Capitão sou com grandeza.

P

Pensava que esta vida
Nunca havia de ter fim
Porque contavam na feira
Muitos amigos por mim.

Q

Queriam saber direito
Quem era meu grande amigo
Que almoçava e jantava
Era somente comigo.

R

Roubava até boa gente
À fiúza de Luquinha
Quem não roubava dinheiro
Roubava carne e farinha.

S

Saltando eu na Bahia
Vi muita gente faceira
Gritando uns para os outros:
Venham ver Lucas da Feira!

T

Tempo, esse tive muito
De deixar esta má vida
Mas o destino me fez
A sorte ficar torcida.

U

Um certo dia encontrei
Um ricaço bem montado
O derrubei do cavalo
Tive até bom resultado.

V

Vigário José Tavares

Com o qual me confessei

Só o pecado que eu disse

Foi da moça que matei

X

Choro hoje arrependido

Por conselho não tomar

Um braço já me cortaram

Ainda querem me enforcar?

Y

Ípsilon é penúltimo

Porém eu vou me findar

A força é a pena última

Queiram então me perdoar.

Z

Zomba moço, zomba velho

Zomba também o menino

Pois hoje chegou meu dia

Devo cumprir meu destino.

ABC DE LUCAS DA FEIRA

Rodolfo Coelho Cavalcante

(Versos atribuídos, em quadras, a Lucas da Feira)

Adaptados em sextilha por Rodolfo Coelho Cavalcante

A

Adeus Saco do Limão

Lugar aonde nasci

Eu vou preso pra Bahia

Levo saudades de ti

Sabendo que vou morrer,

Talvez eu não volte aqui!

B

Bem que diziam meus sócios

Mudasse de condição

Que Cazumbá por dinheiro

Era a pintura do cão

Por causa de ser teimoso

Terminei na perdição.

C

Cuidava que esta vida

Não havia de ter fim

Porque contava na Feira

Com muita gente por mim

Porém vejo que enganei-me

Com muito cabra ruim.

D

Desenganado fiquei
Quando vi-me prisioneiro
Porque na minha prisão
Ganharam muito dinheiro
Jornalista ganhou fama
Lá no Rio de Janeiro!

E

Entusiasmo carreguei
Pompa e bastante grandeza
Porque no meu rancho tinha
Pote de “RAPÉ PRINCESA”
Hoje nem mesmo um cigarro
Dão-me por delicadeza.

F

Fui preso para a Bahia
Fizeram grande função
Mas eu desci a cavalo
E os grandes de pés no chão,
Só ouvia o povo dizer:
- Eis o Lucas do Sertão!

G

Gostaram quando fui preso
Para sofrer crueldade
Escoltado pra Bahia
Deixando a minha cidade
Adeus Saco do Limão

De ti eu tenho saudade!

H

Homem pobre não roubei
Pois não tinha o que roubar
Mas os ricos de carteira
Nenhum deixei escapar
Quando não dava dinheiro
Só tinha um jeito: matar!

I

Infeliz do negro Lucas
Que deixa sua Bahia
Para morrer enforcado
Já que chegou o seu dia
Morre o negro e deixa a fama
Que não bancou covardia!

J

Já estou entregue, minha gente
Não precisa confusão!
Se a minha sorte é esta
Eu não fujo dela não
Não tenho medo da morte
Nem do ronco do trovão.

K

Kalumbi em Sobradinho
Tapera, Bom São João
Aonde eu tinha meu rancho
Lá me fizeram traição

*Querem matar-me de um jeito
Para eu pedir compaixão.*

L

Lá em Oliveira eu tinha
Manuel Nunes confiado
Um dia preguei-lhe o beijo
Num pau, muito bem pregado
*Para deixar de ser besta
Nunca trazer-me enganado!*

M

Mulatas de bom cabelo
Cabrinhas de boa cor
Crioulas só por dibique
Branquinhas cheirando a flor
*Todas elas namorei
Porque sou conquistador!*

N

Não digo quem é meu sócio
Nem me convém a dizer
Porque por me ver perdido
Não deito a outro perder
*Prefiro morrer sozinho
Pra meu sócio não sofrer*

O

Ó grande tela redonda
Vejo em toda redondeza
Me chamaram “CAPITÃO”

Capitão sou com certeza
Porque não temo castigo
Nem preciso de defesa!

P
Perante ao chefe da terra
Recebi recepção
Só via os grandes chegarem
Para apertarem minha mão
Quem morre assim bem merece
Ter nome de Capitão

Q
Quiseram ter a certeza
Quem era o meu grande amigo
Que jantava e almoçava
Todos os dias comigo
Como não denunciarei
Só arranjei inimigo!

R
Roubei muita gente boa
Ninguém fale de Luquinha
Quem não tinha o que eu roubar
Não ia roubar farinha
Muitos pobres ajudei
Com toda vontade minha!

S
Saltando eu na Bahia
Vi muita gente faceira

Dizendo com alegria:

- Ói ele, Lucas da Feira!

O preto mais destemido

Desta nação brasileira!

T

Tapera de Amaro,

Muritiba, Cachoeira,

Correram todos pra ver

O Grande Lucas da Feira

O valentão do sertão

Que matou a vida inteira!

U

U é a letra vogal

Assim o A e o O

Adeus Caldeirão de Lucas

Adeus Tanque de Orobó

Vou morrer levando pena

Mas tudo no mundo é pó.

V

Vigário José Tavares

Com o qual me confessei

Só o pecado que tive

Coisa que nunca pensei

Levo o remorso na alma

De uma moça que matei.

X

Xodozei com muitas negras
Lá no velho Caldeirão
Querem cortar os meus braços
Ferirem meu coração
*Mas mesmo assim eu não deixo
De dar viva ao meu sertão.*

Y

Y é a penúltima
Letra pra terminar
Meu abecê por lembrança
Para na história ficar
*Vai morrer Lucas da Feira
Que a terra há de lembrar!*

Z

Zombei de velhos e moços
De mulher e de menino
Zombei de cabra valente
Também zombei de mofino
*Mas hoje o mundo me zomba
Para findar meu destino!*

3ª VERSÃO

(Autor desconhecido)

(Escrito no português da época. Os versos das estrofes X e Z tem palavras ilegíveis, pois o exemplar do jornal A Marmota, onde ele foi encontrado, apresenta rasuras)

O A.B.C. DO LUCAS

A todos os meos senhores

Licença quero pedir

Por meio d`um A.B.C.

Eu quero me despedir:

A

Adeus saco de limão

Logar onde eu nasci,

Vou me embora para baixo

Levo saudades de ti.

B

Bem dizião meos Amigos

Q'eu acabasse a função,

Q'o Cazumbá por dinheiro

Faria as artes do cão.

C

Cuidava que a minha vida

Nunca havia de ter fim,

Por que julguei que na Feira

Houvesse hum homem por mim.

D

Descendo para Cachoeira

Muita gente se alegrou,

Outros dizem baxinho

O Lucas já se mudou.

E

Esperanças malogradas

Me posarão neste estado.

Mas com tudo inda pretendo

Ser livre n'outro jurado.

F

Foi tanta a minha miséria

Q'tudo fez abismar,

Stive tanto tempo prezo

Sem ninguém me visitar.

G

Ganhar eu tanto dinheiro

Para os outros se arranjam,

Para deixarem me preso

E nunca mais me soltarem!!

H

Hum dia dei um gemido

Q'se ouviu em toda parte

De grande dor que sofria

Do tiro d'um bacamarte.

J

José Pereira Cazumbá,
Foi quem me fez a traição
Livrou-se, ganhou dinheiro
Só com minha prisão.

L

Lastimando sempre estou
Com remorços do que fiz
Passando mal na prisão
Entregue a tanto Juiz.

M

Muito tenho suportado
Ángustia, e pena tão forte.
Q'além do braço cortado
Me derão pena de morte.

N

Não digo quaes são meus socios
E nem eu devo dizer,
Q'por me ver eu perdido
Não devo os outros a perder.

O

Ouvi dizer que na Feira
Força se vai levantar,
Assim mesmo inda alejado
Me pretendem inforçar?!?!

P

Peço aos meus Amigos da Feira
Q' sejam de mim lembrados,
Q'roguem pra ver si eu posso
Sair livre nos jurados.

Q

Quando eu me fui embora
Fizerão grande função
- Agora sim stamos livre
Da quelle grande ladrão.

R

Resguardarão sempre os pobres
Q' não têm que furtar,
Mas dos ricos as carteiras
Nunca deixando escapar.

S

Saltando eu na Bahia
Vi muita gente faceira
Pretos e brancos gritando:
Ahi vem Lucas da Feira.

T

Tantos apertos que tive
De todos eles sahi,
Na balla de Cazumbá
Somente he que me perdi.

V

Varias vezes tenho estado
Com grande melancolia
Por ter deixado o meu matto.
E vir parar na Bahia.

X

Xoro agora arrependido
Ter eu sido malfeitor
A minha fama [*ilegível*]
Te ao próprio [*ilegível*]

Z

Zombão [*ilegível*]
Por me t [*ilegível*]
E nada [*ilegível*]
A gente [*ilegível*]

O til por ser mais pequeno
Ficou para derradeiro,
Não sei se furtarei mais
Dinheiro do passageiro.

Se eu tivesse arrecadado
Muito dinheiro em porção,
Era logo absorvido
Fazião-me até Barão.

No livro azul que sumio-se
Stavão muitos assentados,
Mas como erão figurões

Stão hoje bem discaçados.

Muita gente entrou na dança

Gente seria, e gente branca,

O pobre Lucas apenas

Carrega com toda tranca.

Se eu soubesse que ao depois

Querião me perseguir

Guardava no meu buraco,

Dinheiro pra repartir.

Mas em paga d'isto tudo

Eu tomei huma lição,

Quem tem padrinho é honrado

Quem se prende é que é ladrão.

(autor não assinou)

(BN Hemeroteca Digital. *A Marmota*. Bahia:

Quarta-feira 27 de junho de 1849)

[https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DocReader.](https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=816485&id=4012401528131&pagfis=46)

[aspx?bib=816485&id=4012401528131&pagfis=46](https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=816485&id=4012401528131&pagfis=46)



SALES BARBOSA

Nascido em 1862, Francisco Sales Barbosa é um dos mais importantes poetas de Feira de Santana. Não apenas por sua produção literária, mas por sua intensa participação no movimento abolicionista do país. Como poeta da geração romântica do final do século 19, Sales Barbosa estudou Direito em Recife, onde participou do Clube do Cupim, organização abolicionista de Pernambuco. De volta a Feira de Santana, atuou fortemente em defesa do fim da escravidão, escrevendo vários poemas relatando o sofrimento dos negros escravizados.

Segundo a professora Cíntia Portugal, que estuda a vida e a obra do poeta, Sales Barbosa atuou, como abolicionista, junto com o padre Ovídio Boaventura, o médico Remédios Monteiro e o jurista Filinto Bastos, com quem se reunia para angariar fundos voltados para a compra de cartas de alforria, usadas para a libertação de escravizados.

Sales Barbosa publicava seus poemas e artigos nos jornais de Feira de Santana que circulavam no final do século 19, como *A Parasita*, *O Motor*, *Echo Feirense* e *O Progresso*. Em 1885, publicou seu único livro, *Cavatina*, com poemas românticos e abolicionistas.

Por ironia do destino, ele morreu em 1888, justamente no ano da Abolição da Escravatura, com apenas 26 anos de idade. Mas continua muito vivo na memória de Feira de Santana: uma das principais ruas do centro da cidade leva o seu nome: Rua Sales Barbosa.

A PARTURIENTE

Da negra o coração rasgava-se de dor
Seu corpo se estorcia em doida convulsão
A tarde já mostrava o pálido clarão
Do sol, que além no monte ao fim ia se por.

Aos gritos da desgraça, às vozes do senhor
Partiam rubras de ódio, assim como um leão
Que tenta lacerar nas garras da opressão
A corça espavorida, ao frio do terror!

Ó quadro comovente! Ó cena de agonia!
Sem poder dar à luz o filho que trazia

No torturado ventre – a negra amaldiçoa
Seu destino cruel, seu mísero viver;
E, extinto todo alento e prestes a morrer,
O mau senhor encara e diz que lhe perdoa!

RÓTULO FALSO

Ela chorava a morte do marido,
Agiota burguês que nunca fora à missa,
Que só usava à mesa um prato de chouriça,
Mas que, entanto, vivia alegre e divertido.

Vê-la fazia dó! O anjo mais querido
Da parva vizinhança a provocar cobiça,
De porte grave e sério assim como a Justiça
Que não desfaz-se em riso aos risos do bandido!

Era tida por santa: – o liz da candidez;
E chegava à janela ao dia uma só vez,
Pois tinha a precaução de não olhar ninguém...

Porém saía à noite e lá p'a madrugada
Voltava d'um convento... um tanto recatada
E sempre honrada e pura santa... Muito bem!

PELOS CATIVOS

Assim como resplende o astro oriental,
Aos risos da manhã, na cerula amplidão
Afugentando a treva, aniquilando o mal
Assim ao vil feitor – sedento canibal,
A liberdade esmaga à luz da tradição.

Mandar, eu desejara aos páramos dos céus
Um anjo que trouxesse um mundo de rancor
Aos negros em oferta, aos inocentes réus
Riscando assim de vez os hórridos lábios
Da lei que ainda protege o braço do senhor!

País da autocracia, estão os mercadores
O teu pudor vendendo em público leilão;
Eles em voz alta se dizem redentores
Que te conduzirão aos gratos esplendores
De uma glória Ideal! Misérrima objeção!

Ó mães, Lírios de afeto, ó pérolas de amor!
Ide ver a tristeza ao fundo da senzala!
Ide ver a alegria a desbotar-se em flor
Do filho que tem e sede e frio (oh dor!)
Condenado a viver na podridão da vala.

Os moços que trazeis nos peitos bronzeados
A crença que suplanta a cortesã do mal,
Dobrai de ódio aos vis! Desprezo aos renegados!
Aos nobres de casaca e de galões dourados
Que bebem nossa honra em taças de Cristal!

MORTA DE FOME

Em fria solidão – um corpo no abandono
Jazia esfarrapado, em chaga convertido;
De quando em vez bramia horrífico gemido,
Igual ao de algum cão magríssimo sem dono.

Ó santos corações que nunca tendes sono
P´ra vigiar aonde acaso está caído
Aquele que possui o músculo abatido
Da vida ao temporal de rígido abandono.

Fizeste bem de ir balsamizar a pobre
Mãe que traz ao seio o seu penhor mais nobre
De suas ambições – um filho pequenito!

Ela viera só, fugida... por ter fome!
Há quatro dias que seu filho já não come,
Porque assim o quis o seu senhor... Maldito!

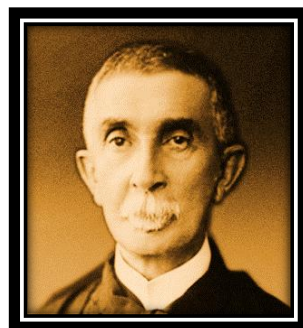
A ALCOVA

Engraçado *bijou* de gosto raro,
Caçoila perfumada de sorriso,
Por qualquer preço não se acha caro
Entrar-se aí n'esse ideal paraíso...

Morno como o calor d'um beijo dado
A medo... no carmim d'um lábio frio!
Como é lindo esse berço: o do noivado...
Creio feito de rosas, de amavio?!

Toda enlevada n'esse brinco estava,
A noiva formosíssima se achava
Talvez no *boudoir* d'um passarinho.

Foi quando ele chegou e disse branda,
Co'a fala doce de quem está cantando:
Eis aqui, meu amor, o nosso ninho...



FILINTO BASTOS

Filinto Justiniano Ferreira Bastos nasceu em 1856, em Feira de Santana. Entrou para a história como um grande jurista, emprestando hoje o seu nome ao Fórum de Feira de Santana, a uma comenda outorgada pela Câmara de Vereadores e a uma rua de nossa cidade. Mas o que muita gente não sabe é que ele foi também um grande poeta e teve forte atuação no Movimento Abolicionista.

Ainda como estudante de Direito, primeiro em São Paulo e depois em Recife, foi um dos fundadores da Sociedade Acadêmica Abolicionista, na Faculdade do Largo do São Francisco, em São Paulo, e integrou o Clube do Abolicionista, na capital pernambucana. Nas duas entidades, promovia a arrecadação de recursos para a compra de cartas de alforria, ajudando a libertar muitos escravizados. Depois de formado, atuou como juiz de Direito em várias cidades da Bahia, foi professor e diretor da Faculdade de Direito da Bahia e chegou a desembargador do Tribunal de Apelação e Revista da Bahia. Também escreveu vários livros sobre Direito.

Como poeta, participou do movimento Romântico, produzindo uma obra literária em que denunciava o sofrimento dos escravizados

e defendia a liberdade e a abolição da escravatura. Traduziu obras de grandes poetas do Romantismo europeu e foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia e diretor do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Morreu em 1939, aos 83 anos de idade.

APOTEOSE

Da abóboda celeste ao mágico fulgor,
Que o Trópico espadana, ao gesto onipotente,
Clareia-se um altar soberbo, resplendente,
Como as áureas manhãs, aos beijos do Equador.

Um grupo simboliza o prêmio do Talento:
A Pátria que contempla, e em êxtase sorri
À Deusa sem rival, que canta o *Guarany*
Em doces vibrações de majestoso acento;

E junto à Pátria, e à Arte, a Glória sustentando
Auriflama gentil, em cujo mote luz
A fama de imortais, de brilhos cintilando,

De Verdi, Mayerbeer, e Mozart entre os nomes,
Um nome lê-se grande e simples, que traduz
A glória de Brasil: Antonio Carlos Gomes!

CENA COMUM

A geada cortante desfolhava
O belo cafezal, de madrugada
E da sineta a forte badalada
Da fazenda os escravos despertava.

Envolto na baeta avermelhada,
Cada qual o seu catre abandonava,
E com a mão, que o frio enregelava,
Este levanta a foice, aquele a enxada.
Um escravo gemeu, cheio de dor...

“O que tens, ó ladrão, negro manhoso?”
Pergunta em rudes vozes o feitor.
O escravo gemeu... Vertiginoso
Um chicote batia com furor,
No cadáver do negro desditoso.

ITABIRABA

Qual vela de navio, ao longe, pardacenta,
Que aos beijos de suave aragem bonançosa,
Do largo mar co'a onda azul e preguiçosa,
Além, brincando vai, tranquila, mansa, lenta.

E o pensamento arrasta à região formosa,
Lá onde a fantasia o sólio d'ouro assenta
Régio alcançar de luz, que nossa alma aviventa,
No quadro juvenil – de amores dadivosa:

Ó filha do sertão, ó rocha sobranceira,
Assim foi que te vi – o sol já declinando,
Gentil Itabiraba, ao longe, a vez primeira!

E vendo-te, senti que o alado pulcro bando
De minhas ilusões, sonata alvissareira
De glórias e de amor, nessa hora ia cantando.

PERSPECTIVA

Da varanda. À ladeira avermelhada
Os meandros de cobra vão subindo
Confusa multidão; alguns vão rindo,
Alguns chorando, por aquela estrada...

Encaminham-se à fúnebre morada
Um caixão mortuário conduzindo...
Quantas ideias negras vão surgindo
Ao cérebro de alguns, em tal jornada!...

Somem-se todos: surgem de repente,
Qual mais cansado, preocupado ou sério,
Da muralha aluziante, à porta, à frente.

Da varanda é o que vejo: esse funéreo
Cortejo que conduz, indiferente,
O morto a repousar no cemitério.

ANCHIETA

Ninguém, ninguém mais forte às turbas aparece
À sua voz suave abala-se, estremece
A crença que o pajé nas tabas ensinou.
Tupã deixa de ser o Deus sanguissedento
Que ri, enquanto o inimigo em tétrico lamento,
Sucumbe ao golpe atroz da seta que o varou.

Em vez do sangue em haurido em luta fratricida,
O Padre ao índio mostra a fonte, donde a vida
Surgir vai luminosa, ao verbo de Jesus!

A catequese espalha o santo missionário
E as tribos vão seguindo o bom itinerário...
Por chefe um padre tem, por auriflama a cruz!...

Olhai-lhe a fronte nobre, ouvi-lhe a voz angélica,
Voz de verdade plena e de ternura célica:
“De Deus a boa nova aqui venho pregar”.
E o nosso grande Apóstolo – intrépido Anchieta
Grandeza abandonou por mísera roupeta,
Couraça que defende a liberdade e o Altar!



HONORATO BOMFIM

Honorato Manoel do Bomfim Filho nasceu em 1886, em Salvador, mas foi em Feira de Santana que se estabeleceu e se projetou como poeta. Era formado em Medicina, pela Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, e em Ciências e Letras pelo Ginásio Carneiro Ribeiro, em Salvador, onde aprendeu o Inglês, o Francês, o Latim e o Grego.

Por muitos anos exerceu a Medicina em Feira de Santana em consultório particular e fazendo atendimentos domiciliares. Foi diretor do Hospital Dom Pedro de Alcântara e também atendia a população como médico contratado da Prefeitura. Considerado um dos homens mais cultos de Feira de Santana, em sua época, foi também professor da Escola Normal e do Ginásio Santanópolis, lecionando Ciências, Física, Química, História Natural, História da Filosofia e História da Civilização.

Ao mesmo tempo, dedicava-se à literatura, publicando inúmeras crônicas e poesias no jornal Folha do Norte. Em 1926, publicou o livro de poemas intitulado *Pedaços d'Alma*. Foi também um dos fundadores da Academia Feirense de Letras. Honorato Bonfim, ou

Honorato Filho, como costumava assinar seus poemas, morreu em 1949. Seu nome ficou eternizado em uma rua da cidade, e em uma enfermaria do Hospital Dom Pedro de Alcântara.

Fonte: João Batista Cerqueira

O SELVÍCOLA

Lá no âmago da selva, em plena luz do espaço,
o índio, no afã da luta enorme, embora pobre,
tendo apenas no corpo a contextura d' aço
constituiu-se da Pátria um elemento nobre!

Da raça brasileira é poderoso braço,
teme olhar desconfiado, e as faltas não encobre,
quando dele se abeira, altivo, um senhoraço
que a cúpula do céu com o negro manto cobre.

Destemido, sagaz, não poupa ao sacrifício
o valente pendor dos filhos para a guerra,
nem teme do inimigo o infernal artifício.

Peleja, dança, ri, entre as manhãs de festa
em que verdeja o campo e prolifera a terra,
ouvindo o canglorar dos monstros da floresta.

SATANISMO

Torpe, bem torpe é a vida. Hipocrisia – tudo...

- Invólucro de luz – em corações de fera,
- Harmonia do Nada - em leitos de veludo,
- Peregrina da Dor - nos turbilhões da esfera.

Sociedade nefasta, atroz, com quem me iludo
nas asas colossais da impávida quimera,
a ti, que és má, solerte, a ti, sem medo, aludo
porque sinto no peito a tua garra austera.

Vida sem esplendor, oh vida sem conforto!
Tenho o meu coração já de esperança morto,
tenho a minha esperança despedaçada, louca:
Esboroadado o castelo eu tenho dos meus sonhos...
Tantalizados vejo os dias meus tristonhos,
que corvejam no olhar, sangram em minha boca.

TALENTO

Não tem jaça o – Talento, – inveja tenham embora
do seu fulgor intenso os que na vida lutam,
e um raio de esperança, ao menos, não desfrutam,
imersos no pesar que os dias lhes devora.

Áureo esplendor do Sol – que os eleitos disputam,
harmonizando a voz que plange, e treme, e chora;
Catadupa de encanto em pelagos de aurora,
Orquestrações de amor que as multidões escutam:

– Eis o Talento em si. – Vive da luz do Gênio,
nas explosões da ideia, em face do proscênio,
a receber do espaço as firmes ovações.

Na estesia do canto é que su'alma vibra
o que mais caro existe em mais sentida fibra
do coração do vate, em fortes sensações!...

A FESTA DAS ÁRVORES

Lá, pelo campo em fora, a se estrelar de flores,
vai transbordando a aurora as doiradas primícias...
enchendo o céu, e o mar, e a terra, de delícias,
entre o canto mavioso e ameno dos cantores!

E nas asas da brisa as ditosas notícias
do tempo mais jovial, ridente dos amores,
docemente lá vem, bem cheias de esplendores
bem cheias de ilusões matizadas, fictícias.

As árvores em festa, esplêndidas de orvalho,
como homenagem santa ao nome do trabalho,
erguem ao céu azúleo as copas seculares...

E pulam frutos d'ouro em verdes ramarias,
E tinem pelo espaço inspiradas poesias
dos pássaros, vibrando harmônicos cantares!

A ÁRVORE DA VIDA

Saltita e canta na árvore da vida
o lindo passaredo em revoada,
quando no céu a rútila alvorada
abre o pálio de luz, tão colorida.

De galho em galho, a cotovia amada
vai desferindo a nota mais sentida...
Saltitando também, mais distraída,
cantando passa, em riso, a petizada.

Sem um laivo de dor e sem tristeza,
a criança contempla a natureza,
vibrando só nas cordas do prazer...

E os frutos jaldes, doces, da Verdade
colhe, gritando, ao sol da liberdade,
na árvore engalanada do viver!



GASTÃO GUIMARÃES

Gastão Clóvis de Souza Guimarães foi uma personalidade muito importante em Feira de Santana. Nascido em 1891, ele se formou pela Escola de Medicina da Bahia, com apenas 21 anos de idade. Como médico, atendia de graça às pessoas pobres na Santa Casa de Misericórdia e ajudou a salvar muita gente nas epidemias de varíola e peste bubônica que castigaram o Brasil, inclusive nossa região, nas décadas de 1920 e 1930.

Ele também foi um grande jornalista e educador, tendo lecionado várias disciplinas na antiga Escola Normal, da qual também foi diretor, e também no Ginásio Santanópolis, um dos mais importantes colégios da Bahia até a década de 1980. Foi também um grande desportista, tendo atuado como remador, goleiro e técnico de basquete, conquistando para Feira de Santana um título de campeonato intermunicipal, e para o Santanópolis a vitória em um campeonato interco-legial.

Além disso tudo, Gastão Guimarães foi um grande poeta, escrevendo inúmeros poemas que só viriam a ser reunidos no ano de 2017, no livro *Eu – Versos e Frases*, organizado por sua família. Ele

morreu em 1954, mas eternizou seu nome na memória do povo de Feira de Santana. Em 1962, a Escola Normal foi transferida para a Av. Sampaio e recebeu o nome de Instituto de Educação Gastão Guimarães. Em 2005, foi criado no bairro Ponto Central o Núcleo de Pós-Graduação Gastão Guimarães.

O TEU LENCINHO

O teu lencinho, feito de cambraia,
É alvo como a neve do caminho;
É guardado, talvez, num cofrezinho
Douro incrustado sobre a leve faia;

Quando o mar, estendendo-se na praia,
Deixa ficar espuma, em desalinho,
Eu vejo que é mais alvo o seu lencinho
Que te serve fiel, como atalaia.

Quero crer que teu lenço, ó! Divindade,
Tão cheio de perfume e santidade
Se embeba no teu pranto amargurado;

Deve mais: guardar o teu riso crente,
A tua virgindade adolescente,
Este teu coração apaixonado!...

ÂNSIAS DE FÉ

Há dentro de minha alma um estranho calvário
Onde Jesus arqueja, onde Jesus expira...
O chicote da gula e o látigo da ira
Esteiam-lhe, sem dó, adurente sudário...

No meu peito Jesus nunca viu o sacrário
De luz imorredora, em perfumada pira...
Infelizmente só o pecado me atira
No euripo voraz de sinistro fadário.

Às vezes, a sofrer, dirijo-me a Jesus
Dos baixios letais, onde cresce a maldade,
E pergunto, a tremer, como débil criança:

– Serei eternamente o mendigo de luz,
Indigente de fé, o pobre de bondade,
A procurar, aflito, um raio de esperança?

VERÃO À BEIRA-MAR

O mar é manso e azul. Em catadupas de ouro
Desce o sol sobre a terra, incinerando as praias.
Ondas de leite e arminho, estendidas cambraias,
Contrastam com o rubor do sol fulgente e louro.

Traços fortes de anil gizam, ali, as raias
Entre as águas e o céu. Parece que um tesouro
De brancura sem par neva do mar o choro,
A tramar, a tecer lactescentes alfaias.

Ao longe, vela branca, empinada, se espalma,
Como opala a emergir do ventre azul do mar,
A sorrir, imprudente, à luz do sol a prumo;

Alvo lenço a acordar, dentro, só, de nossa alma,
O voto de partir, o desejo de alar,
A pressa de fugir, na gula, de outro rumo.

A BALADA DO PAI POBRE

Noite de inverno, noite de chuva,
Cheia de sombras, de mágoa fria;
Há pouco tempo do sol viúva,
Plantou, nas trevas, a nostalgia.

Seu manto negro vai pela rua
Encher de dores os transviados,
Dentro das casas, sem dó, tatua
Temas estranhos, desesperados.

Sabe que velo, trama a cilada,
Chora de frio, treme de medo,
Aos meus ouvidos, agoniada,
Sutil, cicia grave segredo;

Com dedos longos, devagarinho,
Tateia o leito dos meus amores,
Traça no corpo de meu filhinho,
Manchas de frio, sinais de dores...

Abrem, em minha alma, chagas frementes,
Ânsias paternas nunca sentidas,
Grandes angústias, lágrimas quentes,
Dúvidas mortas, hoje doridas...

Pelas janelas da sala, triste,
Cheia de dores, de sofrimentos,
O sol entrou, de lança em riste,
El Rei supremo de encantamentos...

Beijou as rosas, sorriu com os lírios,
Fez do tugúrio mansão de fadas;
Ergueu altares, moldou os círios
Da missa alegre das madrugadas.

Lavrou incêndios dentro em minha alma,
Encheu de gemas o meu caminho,
Cercou de luzes a fronte calma,
À fronte ativa de meu filhinho...

OLHOS PRAIANOS

Bela praia de olhos verdes, cor dos mares
A fiar longos luares
Na roca do coração...
Vem, com esses olhos sonhadores, penitentes,
Cheios de gula, frementes,
Caminhos da perdição;
Vem e descanta, com teus olhos marejados,
Anseios despedaçados
Das ternuras tropicais...
Vem, com teus olhos, com teus olhos incendiados,
Como dois sóis escondidos
Nos verdes canaviais...
Teus olhos mansos
São belos da cor do mar;
Vivem, tristes, a tramar
A teia eterna dos sonhos;
Nesses teus olhos pecadores, penitentes,
Vejo desejos ardentes
Vivazes, ternos, risonhos...
Esses teus olhos
São súplicas, são gemidos,
São desejos incontidos,

São qual mares, são abrolhos;
Vivem, no mundo, a enredar os descuidados,
Infelizes namorados
Dos tristes, dos verdes olhos.



GEORGINA ERISMANN

Nascida em 1893, Georgina Erismann é uma das personalidades históricas mais conhecidas de Feira de Santana. Quase todo mundo sabe que ela é a autora do nosso belo *Hino à Feira*. Mas muita gente não sabe que Georgina é autora também de muitos outros hinos, e também de muitos poemas e canções, algumas conhecidas nacionalmente, na voz de grandes intérpretes da música brasileira, como Jorge Fernandes e Inezita Barroso.

Além de poeta e compositora, Georgina era também uma grande pianista. Ela estudou piano no Instituto de Música da Bahia, em Salvador, e Harmonia e Composição no Rio de Janeiro, e ensinou Música e Canto na antiga Escola Normal, onde hoje funciona o Cuca – Centro Universitário de Cultura e Arte.

Georgina também fez muitas apresentações musicais no antigo Teatro Santana. Na década de 1920, ela promovia frequentes recitais de poesia e piano, reunindo artistas e intelectuais feirenses no antigo Hotel Universal, de propriedade de seus pais, na Rua Conselheiro Franco, onde hoje existe o Edifício Mandacarú. Em 1936, por indicação do então governador Juraci Magalhães, ela representou a

Bahia na Feira Artística, Industrial e Comercial da cidade de Campinas, em São Paulo, em homenagem ao centenário de nascimento do maestro Carlos Gomes.

Georgina Erismann morreu em 1939. Hoje ela é nome de rua em Feira de Santana, tem um monumento em sua homenagem na Av. João Durval Carneiro, de autoria do artista Gil Mário, e sempre é lembrada por todos os feirenses quando se executa, em todas as solenidades, o belo hino de nossa cidade, de sua autoria.

EXORTAÇÃO

Deixa teu pensamento voar feliz,
como os pardais e as andorinhas...
Asas cortando o azul do céu imáculo,
penas enchendo a selva de alegria.

Deixa teu pensamento sem destino,
atravessando mares e montanhas...
Beijar a espuma das ondinas brancas,
beber a seiva dos jasmins agrestes.

Abre a clausura que o retém cativo
– Pobre canário louco pelo espaço –
Liberta-o para a luz, para a beleza
transcendental das coisas intangíveis.

Rompe a rotina desse tédio triste,
Vive fora da vida. Canta! Sonha!
Ergue teu pensamento além das nuvens.

BIMBO

Veludo negro, animado
por dois olhos cor de mel...
Travesso que nem cabrito,
era a mascote do Hotel.

Ligeiro, leve, macio,
como se fosse de pano...
Mais parecia macaco,
do que um simples bichano.

Tanta barata engoliu,
tanto ratinho caçou...
que uma aranha venenosa
barbaramente o matou.

Hoje dorme, coitadinho,
debaixo da mamoneira...
cujo tronco ele trepava,
feliz, na sua carreira.

ADEUS

Beijo a terra de minha Terra boa
em despedida a tudo em que hei vivido,
E beijo as flores onde a abelha voa,
bailando seu “bolero” sacudido.
Minha voz dissonante um hino entoa
à santa luz do céu indefinido...
E em cada estrela deixo aqui, à toa,
o meu saudoso olhar, enternecido.
Um compassivo adeus a cada cousa,
envolto na tristeza mais pungente...
E o coração aflito não repousa,
porque não pode ser indiferente.
É sempre doloroso abandonar
a Terra que nos viu, em pequenina...
Mas o Destino vive a nos mandar
e é lei suprema o que ele determina.
Um adeus comovido à Natureza,
meu grande enlevo, meu deslumbramento!
Serrania azulada, singeleza...
adormecida sempre pelo vento.
Campinas verdejantes, soledade
que gosto de mirar, quando anoitece...

Hei de lembrar-vos muito, com saudade,
pois a Distância o amor não enfraquece.
Manhãs nubladas, noite luminosas,
tão propícias ao meu recolhimento...
Adeus irmãs, Estrelas caridosas
que levarei também no pensamento.
Adeus terras, de minha Terra boa!
Adeus Santana, que nos abençoa.

TROPEIRO

Sou tropêro decidido,
Bicho brabo do sertão,
Que nas cordas da viola – Sinhá
Faz gemê os coração.

Sabiá nasceu nos matos – Sinhá
P'rá cantá no amanhecê,
E o tropêro da caatinga – Sinhá
Só canta no anoitecê.

Quando a lua vai subindo...
Pulo o céu devagarinho,
Cá no rancho do tropêro – Sinhá
Soluça a arma do pinho.

E pula noite fermosa,
Inté o rompê d'aurora...
A viola do tropêro,
É uma virgem que chora.

Murungú fulô de sangue,
Qui nasce nas ribancêra...
Tem nos gaio o mêmo espinho,
Da cabôca feiticêra.

Da caboca qui ama a gente,
Cum o fogo ama o brazêro,
Cum a lua ama a noite,
Cum a viola o tropêro.

AO TRABALHO

O trabalho é a glória maior!
Das virtudes que o mundo conhece...
Torna o mau num instante melhor
E alivia quem triste padece.
É a fonte de toda ventura,
De onde emanam tesouros de luz...
É a jóia mais cara e mais pura,
De legado que nos deu Jesus.

Regenera o infeliz desviado
E ressalva do crime também...
Nobilita quem foi desgraçado,
Conduzindo ao caminho do bem.

Purifica a noss'alma perdida...
Na tristeza do mundo enganamos;
É a seiva possante da vida,
Que nos torna a ser vigoroso
O trabalho é o canto feliz
Que ressoa por todo o Universo
Cuja ressoa suave nos diz
Maravilhas escritas em verso.

REDENÇÃO

(Para 13 de Maio)

Alma forte e sobranceira!
Terminou vossa prisão.
Nesta data alvissareira,
Aboliu-se a escravidão.

Lei suave que redime
Do rigor da crueldade...
O escravo da senzala,
Hoje posto em liberdade.

A tristeza do cativo
Transmudou-se em alegria!
Pra salvar a gran-vitória
Alcançada neste dia.

Redentora do infeliz
Que lhe foi sempre fiel
Libertou-o dos grilhões
A princesa Isabel.

HINO À FEIRA

Salve ó terra formosa e bendita
Paraíso com o nome de Feira
Toda cheia de graça infinita
És do norte a princesa altaneira

Bem nascida entre verdes colinas
Sob o encanto de um céu azulado
Ao estranho tu sempre dominas
Com o poder do teu clima sagrado

Sorridente como uma criança
Descuidosa da sua beleza
Do futuro és a linda esperança
Terra moça de sã natureza

Poetisa do branco luar
Pelas noites vazias de agosto
Fiandeira que vive a fiar
A toalha de luz de sol posto

De Santana és a filha querida
Noite e dia por ela velada
E o teu povo tão cheio de vida
Só trabalha por ver-te elevada



ALOISIO RESENDE

Aloisio Resende é considerado um dos mais importantes poetas de Feira de Santana. Era negro, de origem pobre e adepto do candomblé, e mesmo assim conseguiu, na década de 1930, vencer preconceitos e se destacar em uma sociedade dominada por famílias brancas, católicas, e bastante conser-vadoras.

Nascido em 1900, em Feira de Santana, Aloisio Resende não chegou a completar o primário, mas era dotado de muita inteligência e se tornou um autodidata. Trabalhou como tipógrafo em jornais de Salvador e de Recife, antes de atuar no jornal *Folha do Norte*, em sua terra natal, como tipógrafo e também como redator. Foi neste jornal que publicou a maioria dos seus poemas, e também algumas crônicas.

Grande parte da poesia de Aloisio Resende é dedicada à sua ancestralidade africana, consagrando a beleza da mulher negra e enaltecendo a religião de candomblé. Sua obra foi reconhecida como de grande valor por seus conterrâneos e contemporâneos, mas só em 2000 seus poemas foram reunidos num livro, intitulado *Aloisio Resende – Poemas*, editado pela Universidade Estadual de Feira de

Santana, e organizado pelas professoras Ana Angélica Vergne de Moraes, Cristiane de Magalhães Porto e Lucidalva Correia Assunção.

Aloísio Resende morreu muito jovem, com apenas 40 anos. Mas deixou seu nome eternizado em uma rua de Feira de Santana. E em Salvador, foi criada uma escola primária com seu nome, no bairro Massaranduba.

DEMÔNIA

Grega estátua do amor, do derradeiro sonho
De um triste artista aflito, em báratros, rolando.
Sinto que sofro muito e que padeço, quando,
Nesse mármore vivo, acaso, os olhos ponho.

És todo o meu prazer e és todo o meu tormento,
– O meu cálix de fel e o meu cálix de gozo –
Que trava aos lábios meus, mais forte e venenoso,
Quanto mais esquecer-te, em pranto, às vezes tento.

Não sei o quê de estranho ou de mistério existe,
Nos teus olhos fatais, de uma enraivada pantera.
Se deles o desdém me humilha e me exaspera,
Também lhes devo a glória imensa de ser triste.

Se por um lado és tu minha atroz amargura,
Por outro és o fanal de toda a minha vida,
Luz de crença a brilhar dentro da alma descrida,
Do viandante infeliz, de agra jornada escura.

Por esta fria noite, atra, medonha e longa,
Ermas estradas cruéis eu trilho e não te vejo
E, quanto mais avanço, em busca do teu beijo,
Tanto mais, aos meus pés, a estrada se prolonga.
Na loucura de ter, um dia, entre meus braços,

O teu corpo moreno e langue de serpente,
Na desesperação de um sonho de demente,
Chego até devassar os tremendos espaços.

Quisera-te, por fim, no mais ardente anseio,
Dos teus dedos sentindo a carícia nervosa,
No meu farto cabelo, em tardes de oiro e rosa,
Ébrio de teu odor, longe do mundo alheio.

Tu és arcanjo e és demônio, és o céu e és o inferno,
Quem se perde de amor por ti se perde em vão,
Que o teu delírio é ver sangrar um coração,
Por mais que o mesmo seja apaixonado e terno.

Tu que fazes sofrer e da dor te comprazes,
Que tentas a sorrir e que sorrindo matas,
Que te ufanas de ser a maior das ingratas,
Tu que não tens de amor doces gestos capazes,

Praticas, pois, na vida o teu primeiro bem,
Satânica mulher, indefinível, louca:
Deixa-me, então, beber na taça dessa boca
A cicuta mortal que o teu beijo contém!

VERÔNICA

Creio, vendo-te assim, tão simples e tão pura,
De Verônica observo a mística figura.
Cheia de graça e amor eu sinto-a, se te vejo,
Quando, às vezes, me cabe esse ditoso ensejo.
Tu fazes-me lembrar, num rápido momento,
A tragédia de dor do Calvário sangrento.
Recordando-a, recordo a maior das mulheres
Que tu, no gesto nobre, imitá-la bem queres.
Tu tens os mesmos dons que na sublimam tanto,
Desde a extrema bondade ao mais sagrado encanto.
Dela, no doce oval do merencório rosto,
Tens o leve palor de lânguido sol-posto.
Possuis o mesmo brando e compassivo olhar
E a fresca e terna voz de arroios a cantar.
Evocando o passado, entre as iras do povo,
Parece-me te vejo as enfrentar, de novo.
Sob os pés de Jesus, sem receios, te prostras,
Enxugas-lhe o semblante e em plena toalha o mostras.
Contempla a turbamulta a torturada face,
Da tarde, indiferente, à roxa luz fugace.
Não há dedicação que se compare à tua,
Nem dentro de outro peito a fé mais viva estua.
Na via-crucis, pois, que o destino me traça,
Dá-me alívio ao sofrer e consolo à desgraça.

Tu, que és do afeto a santa imagem verdadeira,
Sê toda a minha casta e meiga companheira.
Abrasa o pranto meu de beijos no calor,
Antes que a escarpa eu vá do Gólgota transpor.
E o rude anacoreta, aborrido do mundo,
Dos ermos se acostuma ao silêncio profundo,
Que só lhe resta, enfim, na triste vida agônica,
Nem sonhos, nem prazer, nem glória mais: Verônica.

FOGUEIRA DE SÃO JOÃO

Em frente à casa branca e simples da fazenda,
Arde, de manso, em festa, a fogueira bizarra.
Quer foguete ou balão sobre os montes ascenda,
Da petizada explode a estrídula algazarra.

Tiram moças a sorte. A viola zanguizarra
Num recanto da sala e, chula a chula, emenda.
Rodam pares febris. Trescala a flor na jarra,
Tentam seios romper dos casacos a renda.

Ferindo o ar, um rojão raivoso ruge e estoira,
Rouco ressoa após, de quebrada em quebrada.
Mal desponta da aurora a luz bondosa e loira.

No terreiro deserto, onde, a cismar, me vejo,
Contemplando a fogueira, aos restos, apagada.
Fito as cinzas, talvez, do meu próprio desejo!

MÃE-FILHA

Entre a opala do céu e a esmeralda da terra,
Alvejando na várzea, à luz do sol que brilha,
Vê-se, frente ao levante, a casa de *mãe-filha*,
Que da negra *macumba* os mistérios encerra.

Nos *pegis*, a figura impressionante avulta
Da grande *ialorixá*, que a todo mal dá jeito.
E desfruta tal fama e goza tal conceito
Que a gente diante dela e em torno dela exulta.

Apoiada ao bordão, de andar pesado e rude,
Parece que adivinha o sentimento alheio,
Basta pôr em qualquer o olhar de cisma cheio,
Para que de repente a alma toda lhe estude.

Vivendo dentro em si, de modos quase esquivos,
Se vai ao *pagodô*, nas noites de festa,
A curvatura perde e dança erguida e lesta,
A velha original de olhos pequenos vivos.

Parda rugosa tez. Crespo cabelo curto.
Às vezes brinca e ri, palestra e não se irrita,
E, às vezes, sob a ação de uma força infinita,
Se azeda sem querer de cólera num surto.

Coração mais bondoso outro mortal não tem.

Mas, se, entanto, nos pés se lhe pisa de leve,
A desforra se faz logo sentir em breve,
Pois que sabe, de sobra, exemplos dar também.

É tão forte o poder de seus bons *orixás*
Que dos que vexações lhe causam por acaso,
Ora não resta um só para contar do caso,
Ora ficam na vida em condições bem más.

Estimam-na bastante *ogans* e *orixafis*
E beijam-lhe nas mãos com toda reverência,
Que é tida e havida como pura quintessência
Do *ebó* que a vida atrasa e a vida faz feliz.

Fala-se que sua alma é tão nobre e tão tersa,
Que, à froixa claridade anêmica da lua,
Na mística lagoa enorme da *Tabua*,
Com o próprio *zambiapungo*, horas mortas, conversa.

De *encantados* sem par a prestimosa dona,
Sacerdotisa, enfim, de *Nanan-burucu*,
Que favores iguais recebe de *Omulu*,
É a melhor curandeira, aqui, de nossa zona.

De *canjira* e *mungongo*, em meio, no *banquíssio*,
Miçangas e *mocan*, na cabeça o alvo torço,
Qualquer questão resolve, ali, com pouco esforço,
Acercada, porém, de poderoso *inquíssio*.

De uma feita, me disse, um dia, esta verdade,
Fitando, certa noite, o vasto céu profundo:
“Meu filho, cuide em si, que o povo deste mundo
Pode crer, vive só de inveja e falsidade”!

PEGI-GAN

Sob o céu a luzir, Misael abre o peito
Forte e clara vibrando a voz no *agô-lô-nan*.
Salva o terreiro amigo o moço *pegi-gan*.
Num dialeto africano esquisito e perfeito.

Nas rodas da *macumba*, até agora está só,
Crioulo bom no tocar, crioulo bom no cantar.
Coração de mulher tu sabes amarrar,
Crioulo de fato e lei, nos mistérios do *ebó*.

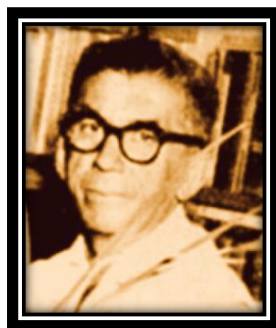
Calça branca lustrosa e camisa de lista,
Da garganta de bronze a voz potente rola,
Saudando os *orixás*, em linguagem de *Angola*,
No *barracão* não há cabrocha que o resista.

Já fizeste uma vez, vaidosa *orixafi*,
Tu que gostas de sangue e que trazes *mocan*,
E que pisas em brasa em louvor de *Iansã*,
De feitiço morrer doida de amor por ti.

Dentro da noite branca a tua voz maltrata
E fere o peito de alguém que de ti afeiçoa,
Crioulo mau no *dendê*, teu canto além ressoa,
Para orgulho talvez de faceira mulata.

Tu pareces até que tens parte com *Exu*,
Negro da tentação, negro bom de verdade,
Vais deixar ao partir, um pouco de saudade,
Nessa terra ideal de *Nanan-burucu*.

EURICO ALVES BOAVENTURA



Eurico Alves Boaventura é considerado um dos mais importantes poetas e intelectuais da história de Feira de Santana. Como poeta, Eurico foi representante do Modernismo na Bahia, tendo publicado o livro de contos *Cipós Verdes*, participado, na década de 1920, da revista *Arco & Flexa*, de Salvador, e produzido uma obra em que, ao mesmo tempo que louva os progressos tecnológicos do mundo moderno, enaltece a vida simples das pequenas cidades do interior.

Um exemplo disso é o poema *Elegia a Manoel Bandeira*, em que convida o grande poeta modernista a vir conhecer os prazeres sertanejos em Feira de Santana. E Manoel Bandeira respondeu com outra poema, *Escusa*, pedindo desculpas por não poder aceitar o convite, o que demonstra o prestígio do poeta feirense nos meios literários do país.

Além da poesia, Eurico Boaventura também se dedicou a estudos sobre Feira de Santana e o sertão baiano, tendo escrito vários textos sobre esse assunto, reunidos no livro *A Paisagem Urbana e o Homem – Memórias de Feira de Santana*. Mas sua obra de caráter sociológico

mais importante é *Fidalgos e Vaqueiros*, em que analisa a formação da chamada Civilização do Couro na Bahia, e é comparada, por muitos, a *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. Seus poemas foram reunidos no livro *A Poesia de Eurico Alves – Imagens da Cidade e do Sertão*, organizado por Rita Olivieri-Godet, lançado em 1999 pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Eurico Alves Boaventura também foi juiz de Direito, tendo atuado em várias cidades do interior baiano. Morreu em 1974, aos 65 anos de idade.

ELEGIA PARA MANUEL BANDEIRA

Estou tão longe da terra e tão perto do céu,
quando venho subir esta serra tão alta...

Serra de São José das Itapororocas,
afogada no céu, quando a noite se despe
e crucificada no sol se o dia gargalha.
Estou no recanto da terra onde as mãos de mil virgens
tecem o céu de corolas para o meu acalanto.
Perdi completamente a melancolia da cidade
e não tenho tristeza nos olhos
e espalho vibrações da minha força na paisagem.

Os bois escavam o chão para sentir o aroma da terra,
e é como se arranhassem um seio verde, moreno.

Manuel Bandeira, a subida da serra é um plágio da vida.
Poeta, me dê esta mão tão magra acostumada a bater nas teclas da
desumanizada máquina fria
e venha ver a vida da paisagem
onde o sol faz cócegas nos pulmões que passam
e enche a alma de gritos da madrugada.
Não desprezo os montes escalvados
tal o meu romântico homônimo de Guerra Junqueiro.
Bebo leite aromático do candeial em flor
e sorvo a volúpia da manhã na cavalgada.
Visto os couros do vaqueiro

e na corrida do cavalo sinto o chão pequeno para a galopada.

Aqui come-se carne cheia de sangue, cheirando a sol.

Que poeta nada! Sou vaqueiro.

Manuel Bandeira, todo tabaréu traz a manhã nascendo nos olhos
e sabe de um grito atemorizar o sol.

Feira de Santana! Alegria!

Alegria nas estradas, que são convites para a vida na vaquejada,
alegria nos currais de cheiro sadio,
alegria masculina nas vaquejadas, que levam para a vida
e arrastam também para a morte!

Alegria de ser bruto e ter terra nas mãos selvagens!

Que lindo poema cor de mel esta alvorada!

A manhã veio deitar-se sobre o sempre verde.

Manuel Bandeira, dê um pulo a Feira de Sant'Anna
e venha comer pirão de leite com carne assada de volta do curral
e venha sentir o perfume de eternidade que há nestas casas-de-
fazenda,
nestes solares que os séculos escondem nos cabelos desnatrados das
noites eternas
venha ver como o céu aqui é céu de verdade
e o tabaréu como até se parece com Nosso Senhor.

ESCUSA

(A resposta de Manoel Bandeira)

Eurico Alves, poeta baiano,
Salpicado de orvalho, leite cru e tenro cocô de cabrito
Sinto muito, mas não posso ir a Feira de Sant'Anna.

Sou poeta da cidade.
Meus pulmões viraram máquinas inumanas e aprenderam a respirar
o gás carbônico das salas de cinema.

Como o pão que o diabo amassou.
Bebo leite de lata.
Falo com A., que é ladrão.
Aperto a mão de B., que é assassino.
Há anos que não vejo romper o sol, que não lavo os olhos nas cores
das madrugadas.
Eurico Alves, poeta baiano,
Não sou mais digno de respirar o ar puro dos currais da roça.

O DIA ALEGRE DA MINHA CIDADEZINHA ROMÂNTICA

Hoje é o dia mais alegre da minha terra.

Domingo de missa festiva da igreja
pobre de Nossa Senhora dos Remédios.

Os sinos já repicaram em coro
pela terceira vez.

E a igreja já está quase repleta:
costureirinhas de vestidos novos de palha de seda;
senhorinhas ricas exibindo novidades
que trouxeram há poucos dias da Bahia;
senhoras que assestam com pose lorgnons;
velhos concentrados que ficam perto do altar-mor;
estudantes que chegaram para as férias
e caixeirinhos de roupa no último figurino e que
suspendem bem as calças quando se ajoelham, porque
a meia é nova e é de seda.

O padre, fechando os olhos para mostrar santidade,
fez a prática e as beatas julgam-no uma peça oratória.

Há lugares vazios, são de outras beatas
que não foram à missa, porque não se dão com este padre.

A missa vai terminar e vai recomeçar, daqui a pouco,
a alegria ingênua da minha cidadezinha lírica sossegada.

E eu fiquei pensando: se a gente pudesse mandar
celebrar missa festiva todo dia
no coração da gente...

DÍNAMO

Ralam o ar, rodopiando em roucos ronrons rudos,
as ruivas, rúbidas rodas raivosas, rápidas, ao fogaréu...

Negras fauces monstros de fornalhas, abocanhando as sombras,
num doido torvelinho desordenadamente bruto,
de permeio às turbinas, aos êmbolos, às válvulas e a loucura
de mil garras de fogo – as alavancas víboras –
no vai-e-vem, vem-e-volta,
subindo, descendo, afogando-se na fofa negrura do óleo chiando...
Tatala, lá fora, ao dorso polido das chaminés,
a crespas as rascantes e do grande morcego chagado –
a noite.

Correm escuros arrepios no alto céu de ferrugem,
mordendo a usina...

Mas, a um canto, possante, brutal, estouvadamente,
entre o delírio de carótidas veias e artérias de aço,
bates, rebates, fremes, latejas, precípites,
em cólera chispando,
rudo, rouco, raivoso, rasgando a noite,
– dínamo da fábrica – meu desvairado coração pulsando!

ARADO

Manhãs que são cânticos de sol nos lábios distantes dos vales...
Rola no campo indolentemente o arado,
numa fanhosa música de ferraria nova;

Molas azeitadas
rodas ruidosamente perfurando o solo
rodando, movendo compassadamente.

Vai pelo campo afora
abrindo pautas intermináveis
para o poema da fartura que a chuvarada escreverá.
Vem chegando o crepúsculo vagaroso.
E o sol,
como enorme roda de arado imenso,
com a sua centena de dentes pontiagudos, brilhantes,
vai devagar perfurando também o espaço escampo do céu,
para a floração luminosa das estrelas.

A CANÇÃO DA CIDADE AMANHECENTE

Sob a cálida volúpia da noite do planalto,
a cidade fulgura e tremeluz
nas coroas de ouro das lâmpadas elétricas.

Cá da cidade as largas estradas como cabelos desnastros
De mulher que sonhasse...

Feira de Santana, minha linda cidade adolescente!
Entre a fidalga melancolia das ruas aristocráticas
e o alegre movimento do bairro comercial,
há vivo rumor que se espalha pelas tuas ruas largas e retas como
gargalhadas de sol,
encantadora polifonia de sibilinas sirenes serrando a carne morena
das distâncias,
latejar e choques de lépidas máquinas velozes,
velocíssimas,
rodando, correndo, avançando,
febril alarido de vozes tumultuosas,
trauteando a canção triunfal da tua alegria.
Vozes de longe, de outras cidades perdidas no sertão
e de cidades do mar,
Vozes desconhecidas, vivendo na Algaravia musical das ruas
da minha lírica cidade.
vozes comerciais planejando negócios, calculando despesas,
vozes rudes dos sertões bravios e longínquos,

canariando na tua boca besuntada de sol;
vozes amigas confraternizando-se na alegria do encontro
imprevisto,
de estudantes vindos de outras cidades, tagarelando a felicidade da
adolescência
de fazendeiros satisfeitos com a grita da chuva, que brinca sobre o
corpo da terra, fecundando-se, florindo-a;
vozes dos operários, das fábricas, dos fabricos humildes, dos
lavradores anônimos, dos choferes de autocaminhões
que varam o Nordeste, que rasgam a caatinga,
o planalto, levando o perfume da minha cidade;
vozes do norte, do sul, do centro, de todas as terras produtoras em
volta e, sobretudo,
bailando no ar aromal da cidade adolescente,
a voz sonora dos bairros elegantes, das vivendas de luxo dos jardins
floridos.
Colorido vozerio da cidade amanhecendo!

Há na tua boca iluminada da arraiada
A volúpia, o calor das vozes criadoras que o eco espalha
no teu horizonte.
Oh! Poesia selvagem que vive no sonho de aventura
desta multidão heterogênea,
que traz semanalmente nos olhos sonâmbulos e inquietos
e nos gestos decididos a música do sertão,
desta gente bronzeada, destas mulheres cor da tarde,
que derramam na cidade
a lembrança das terras apagadas

no horizonte longínquo!...

Na palma da tua mão anda o destino das tuas irmãs,
minha lírica cidade.

Sinto o abraço fraternal das incontáveis estradas de rodagem,
subindo, descendo, rasgando montanhas; a festa de buzinas agudas,
fortes, fanhosas, fonfonando,

ora sonoras, cantarolando,
no concerto dos campos abertos à vida criadora do teu povo.

Amo esta poesia que vive na alma clara e musical da minha cidade!

A poesia da madrugada do seu destino!

A saborosa e fecunda poesia que aspiro da boca, do sonho das tuas
mulheres adolescentes,

dos pianos nas ruas luxuosas enfeitadas de senhorinhas elegantes;

a poesia dos dínamos, das serrarias, dos trapiches cheios da carnação
perfumada das operárias novas;

a poesia dos parques povoados de estudantes e de amores
sonhadores,

a poesia colorida dos provocadores pomares inebriantes,

a poesia anacreôntica dos tabuleiros multicores sob o sol vadio das
manhãs alegres;

a poesia desses bois mansos que romperam distâncias

e trazem acre perfume selvagem do mato bravo,

de terra pisada, de chão virgem,

de chapadões imensos...

a poesia que vem no canto das tuas irmãs, trazido na música dos
motores dos automóveis,

que fica na pauta riscada na areia pelas rodas dos autocaminhões
pejados de cargas,
dos carros luxuosos;
que vem no aboio dos que chegam tangendo de Minas
e do longínquo sudoeste,
no pensamento comercial dos que saltam de Itaberaba,
Mundo Novo, Monte Alegre, Jeremoabo, de todo Nordeste,
do mar, da mata, da caatinga, de toda a parte,
trazendo nas mãos o perfil do currais deixados lá longe;
na saudade dos Gerais que acompanha os vaqueiros distantes,
das terras rudes e abruptas...
dos grotões profundos...
das serras nuas que bailam na valsa de espuma do luar...

Trepida as calçadas das ruas, como o latejar do teu pulso moço.
Passam os carros velozes, os autocaminhões do sertão
para o mar,
passam os carros para o sertão vindo do mar,
embalando a cidade com o cantarolar sonoro dos seus motores.
Amo esta sonora poesia selvagem que canta no ar trepidante
da minha cidade.
da minha cidade adolescente.

MISTÉRIO

Choveu.

O céu com as nuvens mascaradas de velhice
era uma testa enfeitada de rugas...

Por que será que a terra está triste?

Trovejou.

E o céu não teve medo
abriu a boca de noite
e soltou a gargalhada ziguezagueante de um relâmpago.

ASSOMBRAÇÃO

Chiiu!... Chiiu!... Na copa imensa do cajueiro aberto,
lá no alto da estrada, a velha coruja canta.

Rasga mortalha. – D'esconjuro...

Estremece apenas o curral
e é um perdão a noite sobre a vida da terra,
abrindo o caminho de Sant'Iago para a vaquejada das estrelas.
Ninguém...

Longe, um latido comprido de cachorro espantado.
Outro mais, bem mais longe.

Chiiu!...

Bole o vento. De onde vem um rumor de carro-de-bois chiando,
chiando?
Abafado tropel de cascos no cascalho.

Nunca chega este carro, nunca se vê o carreiro
e se ouve tão perto o rosnar do comando,
nomes de bois, decerto, que não se compreendem.
Almas penadas, vagando pela noite, viajando sem fim à doçura da lua.

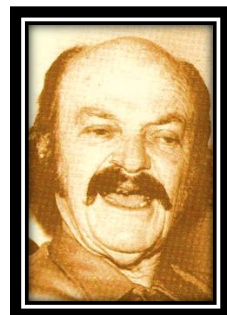
Está perto este carro. Bate agora a cancela.
Ninguém vê senão a escuridão da sombra
escondendo as almas dos carreiros.

Está ganindo com medo um cão bem perto.

Chiiu!...

– D'esconjuro!...

E a lua como uma bênção a iludir o sonho.



GODOFREDO FILHO

Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho nasceu em 1904, em Feira de Santana. É considerado o pioneiro do Modernismo na Bahia. Publicou seu primeiro poema, intitulado *Festa das Árvores*, com apenas 12 anos, no jornal Folha do Norte. A partir daí, produziu uma vasta e rica obra poética, reunida, em 1987, no livro *Irmã Poesia*, pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Formado em Filosofia e Arte Brasileira, Godofredo Filho, além de poeta, escreveu vários ensaios sobre a história e a cultura da Bahia, e teve uma grande participação na vida cultural do estado. Foi, entre outras coisas, professor da Universidade Federal da Bahia, membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, do Conselho Estadual de Cultura, da Academia de Letras da Bahia, e da ala de Letras e Artes do Centro de Estudos Baianos.

Também foi dirigente do Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Bahia-Sergipe), e representante do Brasil na Unesco. Através desses cargos, deu importante contribuição à preservação do patrimônio histórico da Bahia, com participação

decisiva na declaração da cidade de Cachoeira como Monumento Nacional.

Godofredo Filho morreu em 1992, aos 88 anos, deixando um importante legado para as novas gerações no campo da literatura e nas ações voltadas para a preservação de nossa memória histórica e cultural.

ADVERTÊNCIA

De horas claras fugindo, a doce Primavera
Celebra, na embriaguez do minuto que passa.
Além desse que vês, risonho, não te espera
Outro jardim, nem sonho. Embora a frágil taça
Que os Deuses dão como uma graça.

Amigo, não te inquiete a noite que anda perto.
Antes que a sombra venha, urge alcançar depressa
O vergel do Prazer, em frutos de ouro aberto
Ao sol de teu desejo. Antes que o frio desça
E a fulva luz no céu feneça.

Colhe a purpúrea flor das bocas onde pousas
O beijo que suaviza a ascensão do caminho.
Canta a beleza vã e efêmera das cousas
E bebe devagar o teu copo de vinho.
Da rosa esconde o negro espinho.

Depois, hás de dormir. E os mundos universos
Hão de apagar, também, a esplendente umbela.
Mas, qu'importa o amanhã? Agora, lê meus versos
Onde a verdade mostra a face de uma estrela...
Ouve, Escanção: – A vida é bela!

INVOCAÇÃO À MUSA

É leve. É quase irreal. Lembra-me o corpo esguio
e branco que ela tem, o afago da pelúcia
que os tédios me acalenta e me guarda do frio
desta noite hibernal como as noites da Rússia.

Sob o clarão lunar dos candelabros rio
quando ela se espreguiça e, vorazes, em súcia,
os meus desejos vão como galgos no cio,
de seu pungente olhar ladrando a estranha argúcia.

Ó imagem da loucura, emersa da mais fina,
negra pele polar de marta zibelina,
ó corpo de nevada, ó meu lírio de espuma.

Como sonho, afinal, contigo me ir, um dia,
para o país azul da grande Nostalgia,
ou dormirmos os dois no mar da eterna bruma!

CANDOMBLÉ

Zangam na sala como taiocas

– êh! êh!

olhos abertos, esbugalhados,

– êh! êh!

os negros minas em reboleios,

trancos, meneios,

saracoteios...

– Êh! êh!

Tinem pandeiros,

rufam tambores,

trunfos, retesos...

*No roxo fogaréu o azeite chia,
de dendê louro.*

E as pipocas queimadas

papocam estaladas,

taco-praco-taco,

taco-taco.

Há um grande rumor de arapuás danados...

E o candomblé na fazenda, incandesce, fagulha,
e cresce, e reboa, misterioso, pelos descampados.
no sinistro pavor da noite tropical...

– Êh! êh!

POEMA DA FEIRA DE SANTANA

Feira de Sant'Ana do grande comércio de gado
nos dias poeirentos batidos de sol compridos
Feira de Sant'Ana
das segundas-feiras de agitações mercenárias
correrias de vaqueiros encourados
tabaréus suarentos abrindo chapéus enormes
– barracas esbranquiçadas à luz
e as manadas pacientes que vêm para ser vendidas
de bois do Piauí de Minas do sertão brabo
até de Goiás

(meu bisavô Zé Carneiro era o bicho em negócio de gado
meus parentes todos ricos que hospedaram o Imperador
quando ele foi à Feira ver a feira
seu Pedreira
meu tio Cerqueira)

a rua Direita evoca tanta gente acabada
... e dos dias monótonos pacatos dos dias sem ninguém
quando cai do céu muito azul
uma grande sonolência igual sobre as coisas
cidade clara do clima generoso elixir de alegria
cidade onde os tuberculosos vão beber o ar que acalma as tosses
e passeiam a ver se coram nas manhãs luminosas
a ver se coram

minha terra
lindamente chantada no planalto

tão alta minha cidade nova perto do céu

ali eu tive tudo

meus cinco anos

meus brinquedos todos

o automovinho que papai me trouxe quando veio da Bahia

a roça de meu avô com os carneiros as cabras os tanques

a cana

os caldeirões d'água

meus tios engraçados

os passarinhos

e o sol muito sol me tostando a pele vadia

casa da rua do Senhor dos Passos da minha meninice

que fontes eu não cavei nos fundos do teu quintal

(o pé no chinelo manquejando

era para remedar seu Antunes)

também a casa de minha tia Pombinha com o corredor escuro

lá eu morei

a vizinha era D. Olídia professora

o sobrinho dela Genaro

tinha um outro que eu me esqueci do nome

de noite na porta a gente

pintava o sete

– “Ribulêro” – “Cabo duro”

– “Se pegá?” – “Tá seguro?”

– “Ribulêro” – “Cabo mole”

– “Se pegá?” – “Escapole”

sustos florindo risos dobrados

quase nunca me pegavam

trovoada depois da seca cinco horas da manhã

com o repique do sino

minhas primas filhas de meu tio que eu tinha medo dele

deslumbramento do meu primeiro beijo escondido

gostinho quente da primeira namorada

prima

foi numa volta da picula

Você lembra?

ali todo o meu povo antigo passou esplendendo

na pompa do orgulho da riqueza do desvario

meu terceiro avô, Inocêncio Afonso com os amigos pandegando

nas madrugadas claras

cantando a alegria da saúde

em brincadeira sonora

pelas ruas pequeninas da vila humilde

amanhecendo

o Inocêncio Afonso que no 2 de julho

abria pipas de vinho pra o povo na praça pública

e minhas tias-bisavós que nunca chegaram à janela

dentro de casa nunca vestiram senão seda

comiam em baixelas de prata

lindas donzelas frágeis

(a mamãe delas se casou aos doze anos e ainda brincava com bonecas)

lindas donzelas frágeis
quantas morreram puras
naquele orgulho
quantas morreram virgens
naquele orgulho

(por que tardaram para elas os cavaleiros dos noivados?)

este povão todo só existe na minha lembrança

e na prosápia gasta

de alguns velhos retratos

e os nobres comendadores os titulares os bem-aventurados

como o Pe. Ovídio e os bêbados

os crápulas os assassinos e

os assassinados

os suicidas

assombramento dos destinos trágicos de minha gente

Feira de Sant'Ana

– a de hoje tão diferente

também é boa

riscadinha de eletricidade

torcida esticada retesada de fios negros aéreos longos

Fords estabanados raquíticos

levando no bojo viajantes de charque

Os Fords arados desvirginadores defloradores de sertão

tempo morto

eleições de meu tio Zé Freire
gorda dezena de anos o chefão daquilo
coronel turuna seu Zé Freire
com escravos cavalaria fazendas dinheiro dinheiro

tempo morto

(e um rapaz alfaiate um magricela romântico pernalta
rondando minha prima feia que morreu
esse rapaz era um grande namorador
namoro de caboclo guabiru
ainda hoje dezoito anos lá vão e ele continua namorando
outras moças também feias
esse rapaz esquisitão calado com o andar de cegonha
será feliz?)

como não posso esquecer certos vultos que passaram
de noite pela chuva
de noite
encharcando os pés nas poças pintadas de luz vermelha
de lampião
não posso esquecer esses e outros nem o plac-plac de alguns
passos na madrugada
nem conversas na esquina escura
de caminantes vagos
um piston

(a “Valsa da Noite”)

e uma chuvinha miúda na telha vã do quarto
chuvinha para embalar crianças
(e eu dormia)

também os luares
moças de branco
rapazes de branco
às vezes serenatas longínquas
os luares
doçura perfumada dos luares na cidade onde não há casas altas
na roça meu pai chegava de tardinha montado no alazão
(eu também tinha um alazão de barro)
minha mãe era tão bonita tinha os olhos e os cabelos tão negros
minha mãe
eu não esqueço certos sofrimentos de ninguém
minha mãe
ecoam dentro em mim gemidos muito distantes
e risos e travessuras de Cecy
minha infância morta
minha terra
meu primeiro ódio contra a Vida
eu tinha uma arraia grande de papel de seda
uma arraia supimpa flechada nos cantos com chave trançada
de barbante grosso
era tudo pra mim
a molecada da rua inteira invejou quando mais alta
que as outras
garbosa
batuta
ela subiu
na tarde maravilhosa da estreia

depois de uma chuva de vento

pois bem

um menino malvado botou navalha no rabo da arraia dele e

cortou o cordão da minha

que desejo me veio de achatar o perverso

cresci pra ele

foi quando uns rapazes sorrindo me tomaram a frente

– “Ora pisquilha”

então corri pra casa num berreiro desatinado

uma assuada danada

os outros me apupavam

– “Ih bobo seu tolo Corrão vem cá”

eu ia ligado mesmo

uma tal moça sirigaita que estava numa janela riu alto de mim

aquela gargalhada doeu tanto

ninguém imagina

chorei

não houve consolação

inutilmente mamãe me dava os beijos

de sua ternura

meu pai prometeu uma outra arraia mais bonita ainda

toda enfeitada de bandeirinhas de cor

mas eu dizia teimando sufocado pelo pranto

– “Eu quero é a minha

Eu quero é a minha”

seria este o primeiro ódio consciente?

não me lembro
nem sei

minha infância morta

minha terra

foi lá que eu vi o cometa de Halley
no transparente azul da fria madrugada
juventude

adolescência

tristeza de partir para a clausura do colégio
ânsia de chegar meses depois no trem da tarde

ó enlevo deliciosa confusão
de esperancinhas melhores

juventude

adolescência

fragmentos de mocidade

minha terra

primeiros braços que me apertaram
primeiros lábios que beijei
primeiros sofrimentos ignorados amores sentimentais silêncios
fria macia carícia da tarde morrendo

Nossa Senhora no andor as brancas procissões
mês de Maria rosas de neve
minha Primeira Comunhão
tudo novinho em folha
primeira vez primeiro isto primeiro aquilo

minha terra

e aquele amor que também foi o primeiro
era menina morena franzina e nas noite claras da festa de Sant'Ana
o encantamento de seus olhos me dizia

– “Eu quero ser feliz”

mas amor que nós vimos lentamente acabar

amor que ninguém quis que fosse
ou só por noite sem convite de aurora

esse inviolado amor de incontida amargura que foi o teu amor
todo o amor

– meu amor

Feira de Sant'Ana

ali minha mãe morreu
está num cemiteriozinho de brancuras
humilde cemitério da Piedade
alegre como um jardim
de onde se avista longe a serra da Conceição toda azul

na distância

esfumada

perdida

neblina

horizontes de minha terra que me educaram
ainda quisera ser limitado por eles

minha terra boa boa

minha terra minha

é lá que eu quero dormir ao acalento daquele céu tão manso

dormir o meu grande sono sem felicidade ou tortura de sonho
muito longo muito longo

dentro do enorme coração vermelho
do chão florido

CAAPORA

Caaporas trêmulas, bambeando as pernas cabeludas,
tangem pavores na floresta endiabrada.

E rodam, giram,
correm, passam, doidas,
entre os lustrosos galhos hirtos que o sol requeima
e o barulho rouquenho dos regatos brancos,
e os pássaros negros assobiando agouros,
vermelhos...

Caaporas que pulam,
estridulam,
bolem os braços bravos

em coreografias tontas,
meias-voltas surdas,
rondas absurdas...



ANTONIO LOPES

Chamado por muitos de “O príncipe dos poetas feirenses”, Antonio Lopes Alves nasceu em 1918, em Feira de Santana. Formou-se em Magistério pela antiga Escola Normal, e em Contabilidade pelo Colégio Santanópolis. Cumpriu por toda a vida a missão de lecionar, ao mesmo tempo em que exercia a sua grande paixão: escrever poesias.

Publicava seus poemas no jornal Folha do Norte, e também lançou vários livros, como *Vozes Perdidas*, *Vozes do Ocaso*, *Vozes Noturnas*, *Vozes Derradeiras* e *Vozes Ocasionais*. Entre as décadas de 1950 e 1960, participou de um grupo chamado “Velha Guarda Literária de Feira de Santana”, que se reunia semanalmente para discutir poesia.

Foi um dos fundadores da Academia Feirense de Letras, em 1976. Antonio Lopes faleceu em 1991, aos 73 anos de idade. Em 2018, seu filho Uaçaí de Magalhães publicou o livro *100 Sonetos Escolhidos*, uma seleção de obras do pai. Em 2019, emprestou seu nome ao 5º Concurso Municipal de Poesia – Prêmio Antonio Lopes, promovido

pela Fundação Cultural Egberto Tavares Costa. No Conjunto Viveiros, uma escola leva o seu nome: Escola Municipal Professor Antonio Lopes.

CONTEMPLAÇÃO

Você conhece, menina,
Uma cidade encantada,
Onde a lua cristalina
Fez-se dela enamorada?

É uma joia peregrina
Vestidinha de alvorada...
Você conhece, menina,
Minha terra encantada?

Na intimidade é “Princesa”!
Sua verde natureza
De olentes vergéis ufana...

Minha terra, minha amiga,
É uma suave cantiga...
Ouça-a: Feira de Santana.

O TRANSE DE ADÃO

Era a voz crucial do implacável destino,
Numa sofreguidão de rude autoridade:
– Serás pobre infeliz, demente, libertino;
Amigo da traição, do erro, da iniquidade.
Debalde, lutarás contra o Poder Divino,
Na ânsia vã de chegar ao Reino da Verdade...
Sendo pai, cairás indômito assassino,
Para vergonha e horror da pobre humanidade.

Andarás como fera: a fauce escancarada,
A deglutir a carne inocente dos filhos,
Numa fome infernal de besta insaciada.

Homem! Serás o autor de tua destruição!
Contra ti, descerão das armas os gatilhos,
No fratricídio do derradeiro irmão.

CONSELHO

A Esperança!... Dizer que é a ventura da vida,
Essa conformação de dor dos desgraçados!
Ficarmos a sonhar passagem colorida,
Quando abismos sem fins nos estão reservados!

Vivermos o amanhã na quimera fingida
Desses desejos vãos, ardentes, rebuscados
No fundo dalma? À sorte fementida,
É igual essa esperança vã, desventurados.

– Recebe, triste irmão, teu quinhão de amarguras,
Sem pensares virá um anjo de piedade,
Partilhar dos teus ais e das tuas agruras!...
Não esperes surgir, nos teus dias iguais,
Uma aurora de luz, na tua soledade,
Porque a desilusão te fará sofrer mais!

DESALENTO

Quanto se anima o coração cansado
E a alma parece ter ainda esperança,
Ao sentirmos a mais sutil lembrança
De coisas venturosas do passado!

Transfigura-se, até, o próprio fado
E passamos a ser feliz criança
E a triste sombra da desesperança
Já nos na segue; passa-nos ao lado.

De súbito, porém, morre a quimera,
Volvemos a viver, todos os dias,
Num desalento, que nos dilacera.

Contemplamos, tão só, nuvens sombrias,
A nos mostrar, num ermo de tapera,
– O fantasma de mortas fantasias

O MAQUIAVELISMO DO MUNDO

Anda. Segue teu fado. Espreita, todavia,
A ampla estrada de dor, que te oferta a existência.
Verás em cada pego – a máscara sombria
De um deus monstro, cruel, e sem onipotência.

Se chegares ao fim, só terás, neste dia,
A velhice, o abandono, a incúria e a insolência:
A amargura de ser a vida uma utopia,
Onde o mal representa a geratriz, a essência.

Caminha, homem. O mundo, este deus dos profanos
Há de ser o inimigo astuto, à tua espera,
Seguindo os passos teus, nos dias dos teus anos!

E tu, nenho, indefeso, em essa conjuntura,
(Não vaciles, irmão!) corre, vencida a fera,
Para o estreito covil de tua sepultura!

TU

Passas, e, eu paro, positivamente,
A contemplar-te as curvas coleantes,
O teu frangível corpo de serpente
Empresta eflúvios a rosais distantes.

O meu olhar te segue, reverente,
Igual ao mais submisso dos amantes,
E o mundo todo, repentinamente,
Toma forma de seios palpitantes.

Vejo, aos meus pés, as fauces dum abismo,
E sinto o alucinante paroxismo
De agra lascívia, malograda e louca.

E, indiferente à multidão da rua,
Sonho-te Vênus, nua, toda nua,
– Bela, brincando de beijar-me a boca.



ALCINA DANTAS

Alcina Gomes Dantas, ou simplesmente Alcina Dantas, era o que hoje se chama de multiartista e ativista cultural. Ela foi poeta, musicista, artista plástica, autora e diretora de teatro, e animadora de programas de auditório. Nascida em 1895, Alcina teve forte atuação no cenário cultural de Feira de Santana entre as décadas de 1950 e 1960.

Publicava poemas no jornal *Folha do Norte*; pintava quadros e fazia pequenas esculturas de santos; tocava e ensinava a tocar vários instrumentos musicais; executava piano na Igreja dos Remédios, acompanhando as celebrações da missa, e também no antigo Cine-Teatro Santana, fazendo as trilhas sonoras dos filmes do cinema-mudo; e, juntamente com a irmã Esterzinha Dantas, escrevia e apresentava peças de teatro e tinha um programa de auditório voltado para crianças, intitulado *Brasil de Amanhã*, na Rádio Cultura. As duas foram responsáveis pela formação artística e intelectual de muitas crianças e adolescentes daquela época, em Feira de Santana.

Alcina Dantas morreu em 1974. Em Feira de Santana existe uma rua com seu nome, no bairro Queimadinha.

FLOR REJUVENESCE

Flor estranha
e vespéral,
com pétalas de morte
e elor de eternidade.

Alma que brilhou
como estrela
na palidez astral,
veio confundida
numa nebulosa
de melancolia.

A juventude
radiosa
que te embalava,
era no silêncio!
O teu viver
era mistério
de um ser etéreo
estranho encanto.

Carinhosa
Consoladora
E de um sorriso
triste...

de inefável profundeza.
Tinha a grandeza
de uma visão crepuscular.
O fulgor da alegria
em ti morria;
Tinhas a cadência
do arfar do lago,
na adolescência,
quando a tarde morria.

Pura, ingênua
e bela,

Na carícia
do perfume
rejuvenesce, oh! flor,
à penumbra do luar,
com o teu encantar,
com o teu divino elor.

PRECE

Prece! Elevas-te ao Céu em murmúrio bendito,
como o fumo do incenso ascende ao infinito.

Prece é o trêmulo harmônico de tua doce voz,
a luz dos olhos teus, astros num céu de Maio.
Enquanto a lua jaz em lânguido desmaio.

Prece é o sorriso místico da boca pequenina,
quando a dor de teu peito aumenta a amargura
e tua alma soluça e geme de tortura.

Prece é o encanto de tua alma piedosa,
subindo aos pés de Deus em ânsias, fervorosa.

POR QUÊ?

Por que te invadia a tristeza
naquela tarde sombria,
quando o crepúsculo sorria?

Eu pensei que fosse em mim
que somente a dor morasse,
e a tristeza inquietasse...

E por que tu não te esquivas
fugindo de uma amargura,
que a tua vida tortura?

Eu pensei que fosse em mim,
que o sofrer perdurasse
e a mágoa sempre vivesse.

Por que te foge o sorriso,
que nos teus lábios diviso,
num viver sempre indeciso?

Eu pensei de mim,
que o riso sempre fugiu
d'es que a tristeza surgiu
Por que vives tão sombrio
como se o pranto, dos olhos,
te corresse fio a fio...?

Eu pensei que fosse só em mim,
que vivesse o tormento angustioso,
do destino cruel e caprichoso...

O CÉU DA TUA INFÂNCIA

(A uma criança)

No céu azul da tua infância
raio de luz jamais rebrilha,
sem sombra que turva a esperança
e a graça, da beleza filha.

O céu azul da tua infância
é um céu nevoento e triste
sem astros ter, sem ter bonanças
e em que a treva existe.

No céu azul da tua infância
as nuvens densas vão passando
tal de fugir sentindo ânsia.

E na doçura de teu riso
na inocência vais gozando
a vida qual um paraíso.

AMOR E AMORES

Amor puro e lealdoso –

Não recorre ao preâmbulo

É ouvido pelos olhos.

Em seu imenso poder

e na magia

é entendido

e tem a primazia

Amor cantado –

Sai quente dos lábios

Como um beijo;

O coração não conhece,

não é perene

logo fenece.

Amor a capricho –

É sacrifício...

Dizer o que não sente,

é extravagância,

o que faz é desperdício.

Veloz como o tempo, se desfaz

e esquece.

Amor fingido –

Diz-se um céu

constelado de estrelas

verdes de esperança,
uma aurora irizada de ideais,
risonha de fantasias,
de ilusões e quimeras.
Cantada nos lábios,
dura um dia, quando logra
primazia.

Amor sincero –

Sem interesse

É amor forte.

É eterno,

não fenece.

Sofre, luta e vence

Nunca esquece;

Não vacila,

com a dúvida

nem o infortúnio

Amor à Pátria –

Amor de esperança

e vitórias...

Que palpita em nosso peito

sempre forte, invencível

Luta com o sofrer

Vence, ganha,

Tudo alcança,

com bonança.

"Feira de Santana é um berço de poetas, e não é mito não! Os primeiros registros de poemas escritos se encontram no século XIX, mas certamente antes disso os textos orais já circulavam de boca em boca pelas estradas de gado que originaram nossa cidade. Junto aos aboios e toadas, a poesia ecoa nessa terra desde há muito tempo."

Alana Freitas

"Feira de Santana, minha cidade adolescente!
Entre a fidalga melancolia das ruas aristocráticas
e o alegre movimento do bairro comercial,
há vivo rumor que se espalha pelas tuas ruas largas e retas
como

gargalhadas de sol..."

Eurico Alves Boaventura

APOIO FINANCEIRO:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

